

## METODOLOGIA E ÉTICA FEMINISTAS EM PESQUISA SOCIAL COM MULHERES EM SITUAÇÃO DE POBREZA

### FEMINIST METHODOLOGY AND ETHICS IN SOCIAL RESEARCH WITH WOMEN IN POVERTY SITUATIONS

Silvana Aparecida Mariano<sup>1</sup>

Lina Penati Ferreira<sup>2</sup>

Márcio Ferreira de Souza<sup>3</sup>

**Resumo:** A construção da pesquisa social feminista é um processo de constante reflexão e autocrítica. Neste artigo, sistematizamos e defendemos uma visão sobre as responsabilidades científicas e políticas envolvidas na pesquisa feminista e propomos o processo de entrevistas narrativas como metodologia propícia para essa perspectiva. Destacamos, nesse processo, a pertinência e a relevância da ética feminista, entendida em termos técnicos e políticos. A proposta é construída a partir da exposição reflexiva da experiência de uma pesquisa qualitativa desenvolvida com mulheres em situação de pobreza para investigar autonomia feminina e desafios para a quebra do ciclo intergeracional da pobreza. A pesquisa foi realizada no ano de 2018, em seis capitais brasileiras, com a participação de noventa e sete mulheres titulares do Programa Bolsa Família. Argumentamos que a entrevista narrativa, com perspectiva feminista, contribui para pesquisas qualitativas preocupadas com a qualidade da pesquisa e com as responsabilidades éticas das investigadoras.

**Palavras-chave:** Métodos qualitativos; Abordagem feminista; Classes populares; Técnicas de entrevista; Entrevista narrativa.

**Abstract:** The construction of feminist social research is a constant process of reflection and self-criticism. In this article, we systematize and defend a view on the scientific and political responsibilities involved in feminist research and propose the process of narrative interviews as a suitable methodology for research with this feminist perspective. In this process, we emphasize the pertinence and relevance of feminist ethics, understood in technical and political terms. The proposal is built from the reflective exposition experience of a qualitative research carried out with women in poverty. We seek to investigate female autonomy and challenges for breaking the intergenerational cycle of poverty. The survey was conducted in 2018, in six Brazilian capitals, with the participation of ninety-seven women in the *Bolsa Família* Program. We argue that narrative interview, with a feminist perspective, contributes to qualitative research concerned with the ethical responsibilities of the researchers.

**Keywords:** Qualitative methods; Feminist approach; Popular classes; Reflexivity; Interview techniques; Narrative interview.

---

<sup>1</sup> Doutora em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná, Brasil. E-mail: [silvanamariano@yahoo.com.br](mailto:silvanamariano@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: [linapenati@gmail.com](mailto:linapenati@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor no Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. E-mail: [marcfs@uol.com.br](mailto:marcfs@uol.com.br)

## 1 Introdução

Apesar de décadas de construção, a formação de pesquisadoras e pesquisadores em pesquisas qualitativas no Brasil continua sendo um desafio. Pelo que percebemos em nosso meio, paira um consenso tácito de que, em se tratando de pesquisa qualitativa, ela simplesmente se define pelo não uso da pesquisa quantitativa. E basta. Ao ignorar as exigências de qualidade na pesquisa qualitativa (FLICK, 2009b), desvencilhamo-nos também das preocupações éticas. Essas aparecem, quando muito, em um aforismo que sentenciar que esse é um debate das ciências médicas e biológicas ou, na melhor das hipóteses, em uma forma de preocupação burocrática para tramitar pedidos de aprovação de projetos de pesquisa nos respectivos comitês de ética em pesquisa com seres humanos.

Ao assumir esse tipo de conduta que negligencia a complexidade da pesquisa qualitativa, cientistas sociais brasileiros também deixam de refletir e debater aquilo que teria sido uma discussão relevante nas ciências sociais das décadas de 1970 e 1980: nossa responsabilidade social, como investigadores, para com as participantes de nossas pesquisas, nossa profissão e a sociedade em geral (ABAD MIGUÉLEZ, 2016). Olhando para as ciências sociais da América do Norte, Norman K. Denzin e Yvonna S. Lincoln (2005) apontaram fortes tendências de um pós-positivismo nas metodologias qualitativas a partir da década de 1970. Desde então, as ciências sociais acumularam significativa produção que, teoricamente, refuta as pesquisas positivistas. Por exemplo, o que Alain Touraine (2009) chamou de sociologia do sujeito e, nas últimas décadas, o que vimos chamando de interseccionalidade são perspectivas teóricas que tratam da valorização dos conhecimentos produzidos por grupos subalternos. No entanto, o que vivenciamos nas universidades brasileiras é que esses avanços teóricos não são suficientemente acompanhados pelas revisões sobre os procedimentos de pesquisa. Na prática, encontramos pesquisas cujos referenciais teóricos não convergem com os procedimentos adotados na construção e na análise dos dados, ainda fortemente positivista.

Esse é um desafio metodológico, ético e político. Há problema de coerência metodológica quando acontecem desencaixes entre perspectiva teórica emancipatória e procedimentos positivistas para construção dos dados. Os problemas ético e político podem ser ilustrados pela crítica que Patricia Hill Collins (2017) apresenta ao denunciar a popularização da perspectiva interseccional na academia estadunidense. Essa popularização estaria acontecendo às expensas de despir a noção de interseccionalidade de todo o seu conteúdo ético produzido pelos movimentos sociais comprometidos com a

justiça social e a mudança social. Trata-se de fenômeno semelhante ao que, anteriormente, as feministas amplamente denunciaram com a despolitização da categoria gênero quando ela se tornou corrente no uso acadêmico. O que Collins diagnostica no cenário norte-americano pode ser amplamente constatado também no contexto brasileiro. Sujeito, gênero, interseccionalidade são construções críticas forjadas por movimentos sociais e que, quando se convertem em gosto popular nas universidades, perdem grande parte de seu potencial transformador. Aparecem nos enunciados das pesquisas nas ciências sociais, mas não produzem efeitos sobre o modo de construir o que se considera conhecimento. Há, entre nós, mais pesquisas positivistas do que gostaríamos de admitir.

Partindo dessas inquietações que marcam nossas experiências de ensino, pesquisa e extensão nas ciências sociais brasileiras, neste trabalho nos apoiamos nas contribuições feministas e apresentamos uma tentativa de desenvolvimento de pesquisa que mobiliza a metodologia e a ética feministas como saídas para essas armadilhas presentes nas investigações sociológicas atualmente no Brasil. Perspectivas feministas têm valorizado processos *bottom-up*, o contexto e a pesquisa situada. Em convergência, Begoña Abad Miguélez (2016, p. 101) concebe a possibilidade de uma “ética situada que obriga a investigadora à reflexão constante sobre a responsabilidade ética do seu trabalho”. Para a autora, “essa responsabilidade supõe evitar danos às pessoas que participam nas investigações, zelando por sua integridade, autonomia e dignidade” (ABAD MIGUÉLEZ, 2016, p. 103). Concordamos com Ana María Castro Sánchez (2021) que uma pesquisa não se torna feminista porque a pesquisadora assim se declara ou porque as participantes da pesquisa assim se definem. Para Castro Sánchez (2021), considerando não haver uma só epistemologia ou um só método feminista, uma boa aposta são as pesquisas que buscam construir conhecimentos coletivos a partir da experiência. Assim como nós, Castro Sánchez (2021) vê nas produções narrativas uma oportunidade promissora para a pesquisa feminista. Para a autora, mais do que uma técnica, as produções narrativas envolvem um processo que permite reflexões situadas, localizadas em certo contexto sociocultural. Portanto, a narrativa não é uma produção individual.

Este trabalho apresenta o processo de construção dos dados de um projeto de pesquisa coletivo, desenvolvido em 2018. O estudo estava interessado em investigar formas e possibilidades de autonomia de mulheres em situação de pobreza, moradoras nas periferias de grandes centros urbanos no Brasil. Conforme Martha Giudice Narvaz e Sílvia Helena Koller (2006, p. 651):

A complexidade da investigação feminista envolve a preocupação com todo o processo de condução da investigação. As preocupações comuns das diversas epistemologias e metodologias iniciam com a escolha do delineamento a ser utilizado na pesquisa, uma vez que diferentes métodos conduzem a diferentes resultados. Os pressupostos epistemológicos, ontológicos e éticos implícitos nos delineamentos de pesquisa têm implicações políticas, podendo estar a serviço de interesses diversos. As metodologias feministas assumem o caráter intrínseco das abordagens críticas (Guba & Lincoln, 1994), tendo como objetivo comum a mudança social, o resgate da experiência feminina, o uso de análises e de linguagens não sexistas (Eichler, 1988) e o empoderamento dos grupos oprimidos, em especial das mulheres.

Ao adotar esse entendimento e ao realizar a exposição neste trabalho, esperamos contribuir para a disseminação de experiências que possam ser replicadas em pesquisas qualitativas preocupadas com a qualidade da pesquisa e com as responsabilidades éticas das investigadoras.

A pesquisa aqui apresentada foi desenvolvida com a escolha da entrevista narrativa por algumas razões básicas: i) este processo assume as informantes, participantes da pesquisa, como sujeitos que constroem explicações para diferentes aspectos da sua vida pessoal, social e política; ii) ao assumir as participantes da pesquisa como sujeito e não objeto, essa técnica pressupõe a interação que acontece no contexto da entrevista como uma relação entre sujeito-sujeito; iii) as explicações produzidas pelos próprios agentes da ação podem ser compreendidas pela investigadora por meio das narrativas.

Este artigo está estruturado em cinco eixos básicos, iniciando com uma discussão teórica centrada na entrevista narrativa propriamente dita, considerando três de suas diferentes concepções na sociologia a partir das quais buscamos uma combinação com o propósito de satisfazer os objetivos e perguntas orientadoras de nossa pesquisa. No segundo tópico, apresentamos sinteticamente o objeto e o universo de nossa pesquisa. Prosseguimos com uma descrição de parte do processo da pesquisa, com destaque ao convite às mulheres participantes e à amostragem da pesquisa. O quarto tópico é dedicado à abordagem sobre o uso da entrevista narrativa em uma pesquisa feminista, com a apresentação de elementos ilustrativos e detalhamentos do processo de interação com as entrevistadas. Por fim, dedicamos o quinto tópico a breve abordagem sobre os processos de registro e de tratamento das entrevistas. Por meio da exposição e da reflexão sobre nossa experiência com pesquisa empírica qualitativa, argumentamos que a entrevista narrativa é um processo útil e enriquecedor para pesquisas feministas, interessadas nas experiências das mulheres que participam das investigações.

## 2 A entrevista narrativa

A entrevista narrativa assenta-se em perspectivas epistemológicas e teóricas que, em uma investigação sociológica, conferem centralidade ao indivíduo. Não se trata de conceber o indivíduo como átomo ou unidade base da análise sociológica, mas, sim, como resultado complexo dos processos sociais (LAHIRE, 2005). Essa concepção de indivíduo é uma possibilidade metodológica subversiva às ideias de que grandes grupos estruturais conformam as sociedades (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2003). Como afirma Bernard Lahire (2005, p.14), “estudar o social individualizado, ou seja, o social refractado num corpo individual que tem a particularidade de atravessar instituições, grupos, campos de forças e de lutas ou cenas diferentes, é estudar a realidade social na sua forma incorporada, interiorizada”.

Atualmente, a narrativa tem sido tomada a partir de três concepções diferentes na sociologia. A primeira entende a narrativa como processos objetivos e, nesse sentido, as biografias figuram como possibilidade de revelar um padrão estrutural das relações sociais em um determinado contexto. Daniel Bertaux tem sido um representante desse tipo de análise (SANTOS, 2017; SANTOS; OLIVEIRA; SUSIN, 2014). A segunda vertente, desenvolvida inicialmente por Fritz Schütze e disseminada por Gabriele Rosenthal, toma a narrativa como processos subjetivos e a analisa a partir de esquemas estruturais. Mais do que a cronologia real, o que importa nessa perspectiva é a relevância dos temas abordados na narrativa (SANTOS, 2017; SANTOS; OLIVEIRA; SUSIN, 2014). A preocupação dessa perspectiva é entender os aspectos subjetivos das narrativas para, a partir deles, elaborar explicações sociológicas.

A abordagem de Schütze propõe um passo a passo tanto para a aplicação quanto para a análise das entrevistas narrativas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002; WELLER, 2009). Baseados nessas orientações, Jovchelovitch e Bauer (2002) propõem cinco etapas para o desenvolvimento de uma entrevista narrativa: i) preparação, iniciação ao campo e formulação de questões; ii) iniciação: formulação de um *start* para a narração; iii) narração central: sem interromper, esperando sinais de finalização; iv) fase de perguntas: explorar questões que apareceram na narrativa central, não questionar contradições ou dar opiniões; v) fala conclusiva: parar de gravar; investigar motivações “por quê”.

Uma terceira vertente, ainda que menos tradicional, é representada pelos estudos de Bernard Lahire. Focado no conceito de trajetórias, esse autor propõe uma narrativa que, a partir de perguntas elaboradas pelo pesquisador, permita desvendar as “chaves de

compreensão” da entrevista. Como salienta Lahire (2004), respeitar a entrevista é levar em conta não só o dito, mas o não dito, não só o que foi acentuado pela interlocutora, mas toda palavra e expressão que a entrevista é capaz de dar. É reconhecer, então, que aquelas histórias já foram contadas em outro momento, por isso já foram organizadas em um desencadeamento de fatos, pontuando o que é ou não relevante. Além disso, segundo o autor, deve-se considerar que, apesar das perguntas que orientam a entrevista, as entrevistadas tendem a fornecer o que julgam ser as “chaves de compreensão” de sua vida, ou seja, “nos fornecem a grade de análise que lhes parece a mais pertinente para compreender seu ‘caso’” (LAHIRE, 2004, p. 315).

Embora distintas, as três abordagens compartilham da crença de que é possível realizar o exercício sociológico a partir das narrativas dos indivíduos. Para a construção do nosso objeto e do desenho de pesquisa, construímos uma combinação com contribuições variadas dessas três concepções, de modo a satisfazer os objetivos e as perguntas que orientavam nossa pesquisa.

Essas abordagens sobre as narrativas produzidas pelos indivíduos como conhecimento legítimo e de credibilidade para o conhecimento sociológico são consistentes e convergentes com perspectivas feministas que têm destacado a relevância de que as mulheres sejam reconhecidas como indivíduos e que têm defendido o potencial compreensivo de investigações que se interessam pelo cotidiano ou pelo contexto.

Ademais, a entrevista narrativa é um eficiente instrumento viabilizador de investigações sobre trajetórias com um elevado nível de profundidade. Ao utilizar essa técnica, nossa intenção foi captar as trajetórias, as estratégias, as percepções e as reflexões dessas mulheres nas grandes cidades do Brasil. A opção por tal técnica se justifica pelo pressuposto de que não é possível acessar experiências subjetivas e profundas por meio de questionários e de entrevistas tradicionais. Nesse sentido, ao construir a pesquisa a partir da perspectiva dos sujeitos, desafiamos as explicações totalizantes e estruturantes sobre a pobreza e a condição das mulheres pobres em países em desenvolvimento.

### **3 O objeto e o universo de pesquisa**

Nossas experiências de pesquisa que fundamentam este trabalho se inserem na linha dos estudos sociológicos que se debruçam sobre a relação entre gênero, pobreza e desenvolvimento. Nossos interesses gerais de pesquisa buscavam compreender as formas e possibilidades de autonomia feminina em situação de pobreza, a partir do caso das

beneficiárias do Programa Bolsa Família (PBF), residentes nos grandes centros urbanos no Brasil. Fizemos isso a partir das trajetórias e das percepções das mulheres titulares do benefício, sobre temas como escolarização, trabalho, políticas sociais, família e organização doméstica, pobreza, cidadania e projetos de futuro.

Neste artigo, nosso objetivo é discutir o uso de entrevista narrativa em investigações interessadas nas trajetórias e nas percepções de mulheres em situação de pobreza. A pesquisa empírica que anima essas reflexões foi realizada no ano de 2018, com mulheres titulares do Programa Bolsa Família (unidade da pesquisa), em uma pesquisa de abrangência nacional (universo da pesquisa), com a seleção de seis capitais, contemplando todas as regiões do Brasil<sup>4</sup>: Belém (PA), Belo Horizonte (MG), Brasília (DF), Porto Alegre (RS), Salvador (BA), São Paulo (SP). Os critérios para a escolha das cidades específicas foram orientados pelo potencial de indicar as tendências regionais.

Para a definição das cidades a serem visitadas no trabalho de campo, fizemos previamente contatos formais de solicitações de aprovação aos órgãos responsáveis pela política de assistência social de cada um dos municípios que visitamos. Tais solicitações foram realizadas conforme exigências administrativas requeridas pelos órgãos responsáveis em cada município. Os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) específicos para a realização das entrevistas foram indicados por tais responsáveis. As entrevistas ocorreram nas sedes dos CRAS dos municípios e, no caso de Belém, também no Centro de Cadastramento do Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico).

A procura das informantes nos CRAS se justifica pela escolha metodológica da entrevista individual e reservada. Desse modo, o CRAS é um espaço onde encontraríamos mais facilmente voluntárias para a participação na investigação e onde teríamos melhores condições para desenvolver entrevistas sem interferências de terceiros. Entrevistas realizadas em domicílios, muitas vezes, ocorrem na presença de membros da família, parentes, amigas e vizinhas e até do cônjuge, o que prejudica a metodologia de entrevista individual.

---

<sup>4</sup> O projeto original previu a seleção de uma capital em cada região no país. No entanto, com o processo muito lento para aprovação da Prefeitura de Belo Horizonte, a primeira capital selecionada na região sudeste, decidimos solicitar autorização à Prefeitura de São Paulo, que nos concedeu aprovação em curto intervalo de tempo. O resultado foi que obtivemos aprovação dos dois municípios e, para otimizar os recursos da pesquisa, decidimos realizar trabalho de campo em ambos.

#### 4 O convite às participantes e a amostragem

Esta pesquisa foi realizada *com* mulheres (e não sobre mulheres) titulares do Programa Bolsa Família e atendidas nos CRAS das cidades onde a investigação teve lugar. Com uma amostragem de caráter qualitativo e intencional, totalizamos 97 entrevistas válidas, distribuídas da seguinte maneira, conforme o município: Belém (10), Belo Horizonte (12), Brasília (18), Porto Alegre (19), Salvador (29), São Paulo (9).

Em datas previamente agendadas com a coordenação de cada CRAS, a equipe de pesquisa chegava ao local, nas periferias das cidades visitadas, no início da manhã e lá permanecia enquanto houvesse o fluxo de mulheres em busca de atendimento. Na chegada, geralmente as pesquisadoras eram acolhidas pela coordenação e pela equipe do CRAS, que mostravam as instalações dos serviços, e conversávamos sobre os objetivos da pesquisa e a organização da assistência social naquele município, entre outros. Conversávamos especialmente sobre as dinâmicas do atendimento no local, o espaço reservado para uso da pesquisa e nosso fluxo de atuação na abordagem às mulheres usuárias do serviço. Esse espaço reservado, em geral pequenas salas, era solicitado com antecedência e tinha como finalidade garantir privacidade para as entrevistas. Os CRAS, normalmente, concentram no período da manhã intenso fluxo de pessoas, na maioria mulheres, e, na metade da tarde, esse fluxo tende a se esgotar, quando então as pesquisadoras tinham mais um momento de trocas com a equipe local.

A abordagem às mulheres para o convite à participação na pesquisa acontecia nas salas de espera dos CRAS e, em algumas situações, contamos com o apoio da equipe técnica e de funcionários do serviço. As voluntárias recebiam informações sobre a pesquisa e nos cediam verbalmente seu consentimento para a realização e a gravação da entrevista. Além do objetivo da investigação, elas eram informadas das seguintes questões:

- i. participação totalmente voluntária, sem qualquer ônus pela recusa ou desistência da entrevista; tópico especialmente relevante porque estávamos dentro do serviço que faz a gestão de benefícios assistenciais;
- ii. inexistência de recompensas pela participação na pesquisa;
- iii. possibilidade de que a entrevista poderia ser por ela interrompida ou encerrada a qualquer momento, independentemente dos motivos;



- iv. como benefício pessoal, ela poderia ter a oportunidade de um momento de reflexão sobre sua trajetória de vida e sobre os acontecimentos que julgasse mais importantes em sua vida;
- v. como benefícios sociais, esperamos que os resultados da pesquisa contribuam nas discussões para possíveis melhorias nos programas que se destinam às mulheres, em especial, e às pessoas em situação de vulnerabilidade social, em geral;
- vi. na hipótese de se sentir desconfortável com algum assunto, ela deveria se sentir totalmente livre para abordá-lo ou não e para decidir até que ponto desenvolver o tópico, ou mesmo encerrar a entrevista;
- vii. vários tópicos da entrevista tratariam de opiniões, percepções e comportamentos em diferentes esferas da vida social para o que inexitem respostas certas ou erradas, e a entrevistadora não tem o papel de realizar julgamentos;
- viii. as informações compartilhadas pela participante seriam armazenadas em sistemas de registro sob controle do grupo de pesquisa, utilizadas somente para fins de pesquisa e tratadas com absoluto sigilo e confidencialidade;
- ix. para garantir o anonimato, os registros e as publicações seriam realizados com nomes fictícios atribuídos para cada participante da pesquisa.

Uma vez instaladas em um espaço privativo, firmados os acordos entre pesquisadora e participante da pesquisa, iniciava-se a entrevista propriamente dita.

A amostragem em pesquisa qualitativa é tema recorrentemente controverso. Maria Cecília de Souza Minayo (2017) sintetiza que a natureza própria da pesquisa qualitativa, e, logo, sua lógica para construção de amostragem, está na busca da intensidade do fenômeno investigado, tratando das singularidades e dos significados; estando, assim, “muito mais atenta com sua dimensão sociocultural que se expressa por meio de crenças, valores, opiniões, representações, formas de relação, simbologias, usos, costumes, comportamentos e práticas” (MINAYO, 2017, p. 2).

Considerando os objetivos da investigação, que mobilizam teorias interseccionais (SOUZA; MARIANO; FERREIRA, 2021), o desenho da pesquisa previu dois critérios cruciais para a composição da amostragem: a distribuição por região e por grupos de idade (esses foram divididos em três intervalos). A questão racial, de valor crucial para as teorias interseccionais, também mereceu atenção especial da equipe de pesquisa. Como, no Brasil, a pobreza tem cor, sabíamos antecipadamente que encontraríamos nos CRAS predominantemente mulheres negras (pretas e pardas). Nesse aspecto, para buscar

variações raciais, a equipe estava também atenta a convidar as mulheres brancas que compareciam às unidades.

As diferenciações entre mulheres negras e mulheres brancas em contextos de pobreza urbana no Brasil foram, portanto, relevantes para os nossos objetivos de identificar as influências que a raça tem quanto às diversas oportunidades, tais como as educacionais, de renda e de acesso ao mercado de trabalho, entre outras. Nas perguntas padronizadas, as mulheres autodeclararam a sua cor considerando as mesmas opções de respostas adotadas nas pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). As opções apresentadas para resposta eram: brancas, pretas, pardas, amarelas, indígenas, outras. A opção negra não era apresentada durante a entrevista, mas foi codificada posteriormente para os casos em que apareceu como resposta espontânea. Considerando o processo de recodificação, foram classificadas como negras as entrevistadas que se declararam como “preta”, “parda” ou “negra”. Da amostra de 97, resultou a seguinte classificação: 77 negras, 12 brancas e 8 casos entre outras respostas de autodeclaração (“outras”, “amarela”, “não sabe/não respondeu”).

Como idade era uma variável que consideramos relevante, categorizamos as entrevistadas em três grupos de idade: (a) até 29 anos; (b) de 30 a 45 anos; (c) 46 anos ou mais. A distribuição por grupos de idade deveu-se ao intuito de refletir sobre questões geracionais e garantir a multiplicidade de experiências de mulheres pertencentes a diferentes gerações. Apesar da nossa intenção em garantir uma diversidade de grupos geracionais, as mulheres que frequentam os CRAS têm, majoritariamente, entre 30 e 45 anos, o que se refletiu na nossa amostragem. Os grupos de idade ficaram da seguinte maneira: 23 mulheres com até 29 anos, 57 entre 30 e 45 anos e 17 com 46 anos ou mais.

A base de dados do projeto de pesquisa está disponível para estudos realizados por integrantes do grupo dentro do mesmo tema ou em temas correlatos. Salvador (BA) conta com uma amostragem maior, comparativamente às demais capitais visitadas, porque envolveu parceria com a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e o desenvolvimento de pesquisas focadas no estudo de caso de Salvador.

Ao construir uma base de dados com 97 casos, dispomos de um conjunto que apresenta volume e riqueza. Como se trata de uma amostragem composta por estudos de caso em diferentes regiões do país e por se tratar de um projeto coletivo, com diferentes linhas de investigação em andamento, não foi possível aplicar a chamada “saturação teórica” na construção da base de dados. A saturação teórica é empregada pelas pesquisadoras ao produzir subamostras a partir da base de dados. Como sintetizam Jaime

Ribeiro, Francislê Neri de Souza e Catarina Lobão (2018, p. iv), “o fechamento amostral por saturação teórica corresponde (à) suspensão da inclusão de participantes quando os dados passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, certa redundância ou repetição”.

## **5 Usando a entrevista narrativa em uma pesquisa feminista**

As entrevistas foram desenvolvidas em duas etapas, em um mesmo encontro, sendo a primeira com base em roteiro padronizado (com questões fechadas) e a segunda orientada pela técnica de entrevista narrativa. O tempo de duração total das entrevistas foi muito variado, pois dependia das disposições e das condições para o desenvolvimento de narrativas, o que nem sempre se concretizava. Na média, a duração foi de aproximadamente 40 minutos. Embora a construção dos dados da pesquisa tenha se valido da combinação de diferentes técnicas, neste espaço nos concentramos na experiência de uso da entrevista narrativa.

A primeira etapa da entrevista (com pedido de informações pessoais e familiares e algumas opiniões gerais sobre a condição de ser mulher em nossa sociedade) tinha a intenção de criar um ambiente de confiança que iria permitir à mulher a segurança necessária para refletir sobre sua trajetória na forma de narrativa. Para construir essa ligação entre pesquisadora e participante da pesquisa, foram fundamentais a formação e o treinamento das entrevistadoras para assumir esse “encontro” como um momento de interação entre sujeito e sujeito. Nessa interação, a pesquisadora deve se mostrar interessada na conversa. O ato de entrevistar não é um exercício mecânico ou burocrático. Espera-se que ali se desenvolva uma “conversa”, cujo protagonismo deve ser exercido pela informante, e a pesquisadora deve ter a habilidade e a sensibilidade para interagir de modo a incentivar a narrativa, sem julgamentos ou qualquer tipo de censura, buscando, ao mesmo tempo, chegar aos tópicos de interesse da pesquisa.

Quando assumimos a entrevista narrativa como uma forma de construção de dados em um contexto protagonizado pela informante, o tópico guia é somente um lembrete à pesquisadora dos temas de interesse da entrevista, portanto ela não deve se prender a ele. Uma entrevista com excelente qualidade narrativa pode acontecer, inclusive, sem que a entrevistadora conduza a entrevistada.

A condução de uma entrevista narrativa inicia-se com uma pergunta gerativa, dando a possibilidade a cada entrevistada de contar sua história de vida com liberdade. Uwe Flick (2009a) proporciona importantes orientações sobre procedimentos

metodológicos da técnica narrativa. Segundo o autor, a entrevista é marcada por três momentos chave: o início (“como tudo começou”), o desenvolvimento e a ênfase nos principais elementos e o fechamento (“o que aconteceu”).

Dessa maneira, iniciamos com questões amplas e variadas para que a entrevistada se sentisse estimulada à elaboração de sua narrativa, selecionando os aspectos que julgasse mais importantes, como relatos de sua trajetória: experiências na infância, nos relacionamentos amorosos, na maternidade, na escola e no mercado de trabalho. Ao fim da primeira narrativa, passamos a estimular outras falas com base em questões de nosso interesse, organizadas em oito eixos temáticos. Segundo Flick (2009a), se a entrevistada responder ao estímulo inicial, aconselha-se a não interromper, para que possa falar com o mínimo de intervenção. Nesse momento, a postura da pesquisadora deve ser de uma ouvinte ativa, até surgirem “cortes voluntários”, com o esgotamento das falas (FLICK, 2009a).

Nosso guia, ou roteiro para a entrevista narrativa, foi composto por 8 eixos, além da pergunta gerativa, conforme apresenta o Quadro 1.

**Quadro 1:** Tópico guia de entrevista narrativa sobre autonomia feminina e pobreza.

<b>Pergunta gerativa</b>	
Gostaria que você me contasse sua história de vida. Me diga onde nasceu, onde cresceu, por quem foi criada. Se casou, teve filhos, com quem vive atualmente. Me fale também sobre sua experiência com a escola, com o trabalho, com a igreja e aqui com o CRAS. Eu gostaria de saber ainda sobre as dificuldades que você enfrentou e como fez para superá-las. Você pode levar o tempo que for preciso para isso! O que for importante para você me interessa.	
<b>Eixo 1 – Escolarização</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Percepções sobre a educação</li> <li>2. Trajetória escolar</li> <li>3. Expectativas relativas à educação</li> </ol>
<b>Eixo 2 – Trabalho</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Relação entre educação e trabalho</li> <li>2. Trajetória, experiências e vivências no trabalho pago</li> <li>3. Percepções sobre as relações no mundo do trabalho</li> <li>4. Motivações para o trabalho</li> </ol>
<b>Eixo 3 – Assistência Social</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Experiência e avaliações sobre o Programa Bolsa Família, atendimentos e encaminhamentos do CRAS</li> </ol>
<b>Eixo 4 – Família</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Significados de família</li> <li>2. Experiências com a maternidade e valores associados</li> <li>3. Experiências conjugais e relacionamentos íntimos</li> <li>4. Valores/significados do casamento</li> </ol>
<b>Eixo 5 – Família e Organização Doméstica</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Divisão do trabalho doméstico</li> <li>2. Rotina do trabalho doméstico</li> <li>3. Identificação e representações da chefia familiar</li> <li>4. Representações da mulher no meio familiar</li> <li>5. Estratégias para custeio das despesas domésticas</li> </ol>
<b>Eixo 6 – Gênero e Cidadania</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Representações e significados de mulher</li> <li>2. Comparações com a trajetória da mãe</li> <li>3. Percepções sobre desigualdades entre homens e mulheres</li> <li>4. Experiências de discriminação e de violência contra mulher</li> <li>5. Acúmulos de responsabilidades</li> <li>6. Formas de apoio e redes de solidariedade e reciprocidade</li> <li>7. Percepções e representações sobre pobreza</li> <li>8. Práticas religiosas</li> </ol>
<b>Eixo 7 – Projeto de Futuro</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Percepções de suas principais dificuldades</li> <li>2. Perspectivas ou aspirações para o futuro</li> </ol>
<b>Eixo 8 – Encerramento</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Complementações</li> <li>2. Avaliação da entrevista</li> </ol>

**Fonte:** autores.

Encontramos mulheres com diferentes disposições para articular seu próprio modo de encadear os fatos e construir suas explicações. Algumas delas desenvolveram com grande autonomia sua narrativa e, nesses casos, as entrevistas transcorriam à semelhança de uma conversa. Outras experiências resultaram em algo semelhante às

entrevistas semiestruturadas, quando a história contada pela entrevistada é, em grande medida, construída a partir dos questionamentos da entrevistadora. No primeiro caso, com mais desenvoltura nesse tipo tão particular de interação, obtivemos um conjunto de entrevistas com melhor qualidade no que se refere à profundidade das narrativas. Essas variações são esperadas quando trabalhamos com pesquisas qualitativas e especialmente com o uso de entrevistas.

Situações que possibilitam às participantes da pesquisa falar “demais” ou “muito pouco” podem ser refletidas a partir das noções de subprodução ou superprodução. Os problemas que envolvem a subprodução ou a superprodução (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002) em uma entrevista narrativa nem sempre são passíveis de cálculos prévios por parte do pesquisador. Segundo Jovchelovitch e Bauer (2002), o receio em colocar em risco seus próprios interesses pode resultar em uma subprodução, por parte da informante. Situações desse tipo ocorreram em nossa experiência. O fato de entrevistarmos beneficiárias do Programa Bolsa Família em Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) parecia gerar em algumas entrevistadas receios sobre o tipo de informação que elas nos forneceriam, na hipótese de sermos uma espécie de “fiscais” do governo. Atribuímos a essas desconfianças as resistências e as contradições que observamos especialmente em informações que envolviam a renda familiar e a composição doméstica.

Jovchelovitch e Bauer (2002) elencam, ainda, possíveis traumas que a pesquisa pode reviver entre as informantes como uma motivação de subprodução. De fato, na nossa experiência, boa parte das entrevistas foi marcada por momentos de fortes emoções, expressas, muitas vezes, por meio do choro. Resgatar na memória experiências caracterizadas por dificuldades e sofrimentos era um exercício emocionalmente profundo para algumas delas. Muitas se emocionavam, por exemplo, ao relatar situações como fome, violência doméstica, violência sexual, relacionamentos com a mãe, relacionamentos com filhas e filhos, relacionamentos amorosos e perda de familiares com doenças e em conflitos derivados da questão das drogas ilícitas. Entretanto, ao contrário do que se poderia esperar, essas lembranças não pareciam ser causa de situações de subprodução em nossa experiência. Os choros e as revelações de seus sentimentos, angústias e experiências nos remetiam mais a um momento de possibilidade de falar, do que propriamente a um obstáculo no decorrer das entrevistas. Apesar de muito se falar das dificuldades em tratar de temas mais sensíveis nas pesquisas sociais, a narrativa parece oferecer outra perspectiva, a de que o pesquisador “também pode ser o receptor de palavras às quais mesmo os mais próximos não têm acesso” (LAHIRE, 2004, p. 33).

Isso para o qual Lahire (2004) está chamando a atenção, e que é útil aos nossos propósitos, diz respeito à confiabilidade dos dados obtidos por meio de entrevistas. Parte da sociologia, que se invoca objetivista, alimenta desconfianças em relação aos relatos dos informantes. Essa sociologia faz uso corrente do seguinte alerta: o que as pessoas falam é diferente do que elas fazem. Diferentemente dessa visão, os esforços de Lahire (2004), com base na sociologia disposicionalista e, em certo sentido, na reflexividade, são para remover essa desconfiança e destacar aqueles elementos que atestam a confiabilidade que se constrói na relação entre pesquisadora e entrevistada. Em nosso campo, em inúmeras situações atestamos essas ocorrências: o caráter reflexivo das entrevistas à medida que essas mulheres constroem e compartilham explicações sobre suas próprias trajetórias; a disposição dessas mulheres em se revelar para a pesquisadora.

Os problemas de superprodução, também elucidados por Jovchelovitch e Bauer (2002), como os que chamaram de “ansiedades neuróticas”, apareceram em algumas entrevistas. O que despertou nossa atenção foi a recorrência de situações em que as entrevistadas diziam “sofrer depressão”; parte delas com quadro diagnosticado e medicações regulares. Também merecem destaque os relatos de mulheres que, no encerramento da entrevista, nos agradeciam porque as escutamos, algumas agradeceram inclusive “pela oportunidade de chorar”, dizendo-nos: “eu precisava mesmo chorar um pouco”. Com frequência essas mulheres nos revelaram que não dispõem de vínculos com pessoas para quem elas possam falar de si. Para parte dessas mulheres, a participação na pesquisa trouxe o benefício de produzir um tipo de alívio emocional.

Duas outras observações que julgamos pertinente destacar, em relação ao contexto e ao processo de condução das entrevistas, dizem respeito à presença de terceiros no momento da realização da entrevista e ao sexo e à idade das entrevistadoras no contexto da entrevista. Quanto ao primeiro fator, eventualmente ocorreram situações em que algumas entrevistadas estavam acompanhadas de filhos. Em certos casos, isso foi inevitável, pois não havia como deixar a criança aos cuidados alheios enquanto a entrevista era realizada. A própria mãe estava ali para cuidar da criança ao mesmo tempo que narrava sua história de vida. Outro ponto importante diz respeito à necessária observação de que temas sensíveis seriam tratados. Caso a mãe fizesse alguma objeção, poderíamos cancelar a entrevista, porém isso não chegou a ocorrer.

Em relação ao sexo da entrevistadora ou entrevistador, tal questão suscita discussões relativas a influências nas narrativas, à validade e à confiabilidade dos dados. Dessa maneira, refletir sobre o contexto da entrevista é importante, dado o fato de

variáveis como sexo, raça, idade, religião, dentre outras, serem significativas para o processo de condução das entrevistas. Filomena Santos (2014, p. 21) lembra que “encarar a situação de entrevista como uma relação interpessoal não significa ignorar a já longa reflexão metodológica que incide sobre o problema das múltiplas influências do investigador”. É preciso destacar que as entrevistas foram conduzidas majoritariamente por mulheres e que a equipe contou com apenas um entrevistador do sexo masculino.

Nesse sentido, refletir sobre a interação entrevistador e entrevistadas torna-se um dado oportuno, pois questões sensíveis, relativas à violência doméstica e à sexualidade, por exemplo, foram levantadas. O trato de questões sensíveis, por si só, independentemente do sexo de quem realizará entrevistas, requer um cuidado maior que possa garantir a confiança das entrevistadas em quem entrevista. Ao único entrevistador do sexo masculino impôs-se, portanto, um nível ainda mais redobrado de cuidado, por isso, antes da realização de cada entrevista, ao apresentar a pesquisa à entrevistada, sentiu-se a necessidade de explicitar que questões sensíveis, relativas à violência doméstica e sexualidade, seriam tratadas. É importante frisar, também, que foi colocado para a entrevistada que ela teria a liberdade para encerrar a entrevista a qualquer momento, se assim o desejasse, caso não se sentisse à vontade para falar de tais temas, e que ela não precisava se sentir constrangida.

Conforme expõe Flick (2009a), as entrevistas narrativas são uma técnica para investigações biográficas que apresentam a vantagem de possibilitar aos pesquisadores acessar o conhecimento empírico da forma como ele é estruturado pela própria informante. Uma desvantagem dessa técnica é o risco de encontrar informantes que, por diferentes razões, apresentam dificuldades ou limitações para desenvolver descrições na forma narrativa. No caso particular da nossa pesquisa, dois fatores poderiam interferir na profundidade da narrativa, a confiança necessária para que uma narrativa seja desenvolvida e as habilidades discursivas das informantes.

Quanto ao primeiro fator, como essas mulheres são beneficiárias de uma política assistencial, elas tendem a ver as pesquisadoras com desconfiança e a encarar as entrevistas como uma forma de fiscalização do benefício. Para reduzir esse risco, as pesquisadoras detalhavam as explicações sobre o sigilo e o uso para fins acadêmicos e científicos e enfatizavam a liberdade da mulher para recusar a participação na pesquisa. Tivemos a experiência de encontrar algumas informantes reticentes com as perguntas da pesquisa, porém predominaram aquelas situações nas quais as mulheres se sentiram à



vontade e aproveitaram o contexto da entrevista como um momento para pensarem em si e para falarem de si.

Quanto ao segundo fator, a baixa escolaridade das mulheres pobres brasileiras tende a ser um limitador para o desenvolvimento de narrativas mais livres e que possibilitem maior profundidade. Por essa razão, nós recrutamos participantes com diferentes níveis de escolaridade e em quantidade suficiente, o que nos permitiria posteriormente selecionar os casos considerando a qualidade narrativa da entrevista.

## **6 Registro e tratamento das entrevistas**

As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra. Os conteúdos foram codificados com base na análise de conteúdo, com o auxílio do *software* Atlas.ti. O sistema de codificação utilizado foi construído pelas pesquisadoras do grupo de pesquisa em longo processo de discussão sobre os principais eixos de análise que interessavam ao estudo, bem como sobre as variações dos sentidos ou significados expressos nas narrativas. A análise dos dados foi realizada em três dimensões metodológicas: (i) a tabulação e análise dos dados quantitativos (dados relativos às questões fechadas do questionário), (ii) a categorização e análise dos dados qualitativos (dados relativos à entrevista narrativa) e (iii) a análise articulada entre dados quantitativos e qualitativos.

Após o processo de transcrição das entrevistas narrativas, os dados foram trabalhados com o auxílio do *software* Atlas.ti, que oferece uma variedade de recursos, além de propiciar a extração de diversos tipos de dados. Nossos dados foram organizados conforme os procedimentos básicos de codificações da análise de conteúdo, considerando as temáticas mais relevantes para a investigação. A equipe do projeto realizou uma primeira leitura flutuante de uma amostra dos casos, que orientou a construção das categorizações que seriam empregadas para codificar as entrevistadas. Esse processo foi minucioso e revisado em diferentes oportunidades de modo a dispor de um conjunto de categorizações capaz de classificar as diferentes experiências e significados relevantes para a pesquisa. Essas categorizações foram testadas coletivamente na codificação de uma amostra de casos, a fim de produzir a sintonia necessária na equipe de pesquisadoras que atuava na codificação. Tendo afinado a equipe no uso correto da técnica, cada entrevista foi codificada ao menos duas vezes por diferentes pesquisadoras. Após essa primeira etapa, os trechos codificados eram comparados e as divergências passavam por uma

terceira análise. Os resultados foram registrados em uma só Unidade Hermenêutica do Atlas.ti. O uso correto das codificações das entrevistas implica apreender os significados dos relatos das mulheres, por se tratar de dimensão essencialmente subjetiva. Daí a importância de mais de uma interpretação para a codificação. A fim de garantir o sigilo necessário, cada entrevistada recebeu um nome fictício para uso nas publicações. As categorizações e as codificações foram realizadas a partir dos referenciais teóricos e conceituais que mobilizaram nossas investigações e nossa compreensão dos dados, tendo em vista que a ferramenta funciona como um auxílio técnico de organização dos dados e não como um instrumento de análise em si.

A análise de conteúdo tem sido o referencial mais empregado por nós nos estudos que se beneficiam dessa base de dados. Por meio da análise de conteúdo, produzimos inferências sobre diferentes aspectos, questões ou dimensões relativas à autonomia feminina, sendo esse um tema bastante vasto para estudos sociológicos. Ao tratar das inferências, Minayo (2017, p. 3) apoia-se na visão de Gadamer sobre hermenêutica com a seguinte proposição, convergente com nossa prática:

a fala de cada um deve ser valorizada, mas não de forma absoluta, uma vez que o sujeito não se esgota na conjuntura em que vive e nem sua ação e pensamento são meros frutos de sua vontade, personalidade e desejo. Sua narrativa precisa ser balizada pelo pensamento do outros, pois é também reveladora do grupo em que está inserido e de seu tempo histórico onde sua singularidade está entranhada de cultura.

A pesquisa narrativa como estratégia metodológica nos permitiu a ruptura com a perspectiva da compreensão da pobreza como fenômeno exclusivamente estrutural, o que, do ponto de vista analítico, implica suprimir os sujeitos de suas investigações. As narrativas das mulheres por nós pesquisadas permitiram captar as percepções e representações de suas trajetórias, com base em seus próprios pontos de vista. Dessa maneira, escutá-las a partir de suas próprias memórias, vivências e experiências, narradas pelas suas próprias vozes, torna-se uma possibilidade de transpor parte das pesquisas sobre a autonomia feminina, que tem focado em certo vitimismo e condição de subjugação das mulheres em situação de pobreza, encobrendo suas capacidades de agenciamentos. Nesse sentido, reconhecemos que a adoção da pesquisa narrativa nos permitiu refletir de maneira mais acurada sobre o próprio processo de engajamento e de autonomia das mulheres em situação de pobreza. As narrativas de suas experiências sociais se valem de relatos de suas trajetórias pautadas por uma série de experiências semelhantes, ao passo que são também reveladoras de singularidades e de subjetividades

que as colocam como pessoas dotadas de capacidade de agenciamento, ainda que em condições adversas.

## **7 Considerações finais**

Uma pesquisa feminista não é caracterizada apenas por seus temas, perguntas e abordagens. A discussão metodológica é parte substantiva dessa composição. Afinal, se a pesquisa feminista se interessa, de um modo geral, pelas experiências calcadas no gênero e em suas intersecções (classe, raça, idade, sexualidade etc.), essas experiências são também fonte de construção do conhecimento (JIMÉNEZ CORTÉS, 2021). Produzir metodologias que explicitem o que pesquisas sociais de cunho positivista tendem a ocultar, parece-nos uma contribuição importante para a discussão sobre qualidade na pesquisa qualitativa nas ciências sociais, no mínimo, em dois sentidos. Primeiro, porque permite tratar gênero, raça, classe, entre outros marcadores, como parte do processo metodológico, desde o desenho da pesquisa e a relação entre os próprios sujeitos (pesquisadores/participantes) na produção de um conhecimento situado, comprometido com as diversas faces da realidade. Segundo, porque considera elementos subjetivos, como as emoções e os significados produzidos pelos sujeitos da pesquisa, como potencial dado sociológico.

O compromisso feminista ético na análise e na produção textual dos resultados da pesquisa também nos parece uma contribuição primordial para o aprimoramento da qualidade da pesquisa social. A ênfase dada às experiências é o caminho pelo qual o dado se torna central nessas análises e, nesse sentido, alterá-lo, distorcê-lo ou apagá-lo compromete a própria pesquisa. Essa preocupação, aplicada às demais pesquisas qualitativas nas ciências sociais, poderia aperfeiçoar as análises e os resultados obtidos.

O compromisso ético da pesquisa feminista não se encerra em relatórios e publicações. A pesquisa feita com sujeitos, e não sobre sujeitos, envolve a produção coletiva e contínua de reflexões sobre desigualdades e subordinações de gênero, raça e classe no objetivo comum de transformação social. Esse movimento passa pelas discussões sobre a forma de produzir conhecimento, logo, pelas reflexões metodológicas.

## **Agradecimentos**

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), à Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e

Tecnológico do Estado do Paraná (FA) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento desta pesquisa

## Referências

- ABAD MIGUÉLEZ, B. Investigación social cualitativa y dilemas éticos: de la ética vacía a la ética situada. **EMPIRIA: Revista de Metodología de Ciencias Sociales**, Madrid, n. 34, p. 101-119, mayo/ago. 2016. <https://doi.org/10.5944/empiria.34.2016.16524>
- BECK, U.; BECK-GERNSHEIM, E. **La individualización**: el individualismo institucionalizado y sus consecuencias sociales y políticas. Barcelona: Paidós, 2003.
- CASTRO SÁNCHEZ, A. M. Implicaciones teóricas, políticas y metodológicas de la investigación activista feminista. **Empiria: Revista de Metodología de Ciencias Sociales**, Madrid, n. 50, p. 67-89, mar./extraordinario 2021. <https://doi.org/10.5944/empiria.50.2021.30372>
- COLLINS, P. H. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 6-17, jan./jun. 2017.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introduction. The Discipline and Practice of Qualitative Research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Org.). **The Sage Handbook of Qualitative Research**. 3. ed. London: Sage, 2005. p. 1-32.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009a.
- FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa**: coleção pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Bookman Editora, 2009b.
- JIMÉNEZ CORTÉS, R. Diseño y desafíos metodológicos de la investigación feminista en ciencias sociales. **Empiria: Revista de Metodología de Ciencias Sociales**, Madrid, n. 50, p. 177-200, mar./extraordinario 2021. <https://doi.org/10.5944/empiria.50.2021.30376>
- JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.
- LAHIRE, B. Patrimônios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual. **Sociologia, problemas e práticas**, Oeiras, n. 49, p. 11-42, set. 2005.
- LAHIRE, B. **Retratos sociológicos**: disposições e variações individuais. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard e Didier Martin. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MINAYO, M. C. S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 7, p. 1-12, 2017.
- NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, dez. 2006. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000300021>
- RIBEIRO, J.; SOUZA, F. N.; LOBÃO, C. Saturação da análise na investigação qualitativa: quando parar de recolher dados?. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 6, n. 10, p. iii-vii, abr. 2018.

SANTOS, F. Pesquisa Qualitativa: o debate em torno de algumas questões metodológicas, **Revista Angolana de Sociologia**, Luanda, v. 14, p. 11-24, 2014.

<https://doi.org/10.4000/ras.1058>

SANTOS, H. Narrativas biográficas: fundamentos epistemológicos e metodológicos para a condução de pesquisa empírica. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 18., 2017, Brasília. **Anais...** Brasília: SBS, 2017. p. 1-19.

SANTOS, H.; OLIVEIRA, P.; SUSIN, P. Narrativas e pesquisa biográfica na sociologia brasileira: revisão e perspectivas. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 359-382, maio./ago. 2014. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2014.2.17152>

SOUZA, M. F. de; MARIANO, S. A.; FERREIRA, L. P. Tecendo fios entre interseccionalidade, agência e capacidades na teoria sociológica. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 21, n.3, p. 423-433, set./dez. 2021. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.3.40509>

TOURAINÉ, A. **Pensar outramente**: o discurso interpretativo dominante. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

WELLER, W. Tradições hermenêuticas e interacionistas na pesquisa qualitativa: a análise de narrativas segundo Fritz Schütze. *In*: ENCONTRO ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 32., 2009, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPed, 2009. p. 1-15.

**Recebido em:** 23 de novembro de 2021.

**Aceito em:** 12 de agosto de 2022.